

Pensar a Nação na Província: trajetória e nuances de uma crítica da cultura e da identidade nacional na Escola do Recife

Thinking the Nation in the Province: trajectory and nuances of a critique of culture and national identity at Escola do Recife

Aruanã Antonio dos Passos¹

Resumo: O artigo analisa a constituição da *Escola do Recife* enquanto movimento intelectual de fins do Império centrado num projeto de Nação estruturado na crítica da matriz intelectual estrangeira francesa e sua influência na cultura nacional brasileira. Para tanto, buscamos reconstituir os traços das formulações e debates que envolveram esses intelectuais a fim de legitimarem seus discursos, mas também alçarem posições dentro do campo intelectual de crescente efervescência no final do Regime Imperial. Identidade, polemismo e cultura são três dos elementos chave para a análise desses embates de ideias que fomentaram a constituição de toda uma geração de pensadores e de temáticas que se tornaram constantes na posteridade intelectual brasileira.

Palavras chave: Intelectuais, Sertão/Província, Escola do Recife.

Abstract: The article analyzes the constitution of Recife School as an intellectual movement Empire purposes centered on a structured national project in the critical French Foreign intellectual matrix and its influence on the Brazilian national culture. Therefore, we seek to reconstruct the features of the formulations and discussions involving these intellectuals to legitimize his speeches, but also become wild positions within the intellectual field of growing unrest at the end of the Imperial Regime. Identity, criticism and culture are three of the key elements for the analysis of these clashes of ideas that promoted the creation of a generation of thinkers and themes that have become constants in the Brazilian intellectual posterity.

Keywords: Intellectuals, Sertão/Province, School of Recife.

“Pilatos perguntou à Christo: - *quid est veritas?*
Eu pergunto aos patriotas: - *quid est patria?*”

Tobias Barreto.
Obras Completas III, 1926, p. 309.

Intelectuais na província: A Escola do Recife

Uma das marcas contextuais do Brasil da segunda metade do século XIX foi a sua efervescência cultural e intelectual determinante e própria da chamada crise do Império e sua transição para a República.

¹ Doutor em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Docente do Departamento Acadêmico de Ciências Humanas da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Pato Branco. Contato: aruanaa@utfpr.edu.br.

Como assinala Alfredo Bosi, a partir de 1868, a estabilidade do Segundo Império foi abalada definitivamente e sua crise culminaria com a Abolição dos escravos e a proclamação da República (BOSI, 1992, p. 222). Diversos movimentos culturais e sociais demarcavam a paisagem de fundo dessas manifestações intelectuais. É a época da predominância da influência da cultura francesa no país, do desenvolvimento da imprensa, da luta contra a escravidão, a monarquia e o atraso do país em relação ao resto do mundo, principalmente o mundo chamado “civilizado”: eminentemente o mundo europeu.

É nesse contexto que um grupo de intelectuais liderados por Tobias Barreto (1839-1889)² e Sílvio Romero (1851-1914) reúne em torno da Faculdade de Direito do Recife a chamada “Escola do Recife”, na capital de Pernambuco na década de 1860.³ Dentre os objetivos da “Escola” figurava o desejo de alçar as províncias do, naquele contexto chamado “Norte” brasileiro, como centro intelectual tão importante quanto São Paulo e o Rio de Janeiro e de romper com o isolamento cultural em que a região se encontrava. Nesse projeto intelectual nascido na Escola de Direito do Recife esses intelectuais construíram certa projeção para a cultura e para o caráter nacional, resultando em um verdadeiro projeto de Nação. Como aponta Antônio Paim: “a Faculdade de Direito da capital pernambucana, por ser à época o único estabelecimento de ensino superior no Nordeste, recebia alunos das diversas províncias daquela região. Essa circunstância permitiu a irradiação das ideias da Escola do Recife, formando-se alguns núcleos de seus partidários no Ceará, em Sergipe e na Bahia” (PAIM, 1997, p. 47).

Falamos em caráter nacional em detrimento nos debates historiográficos em torno da busca por uma identidade nacional estreitamente ligada ao debate racial. Renato Ortiz, ao estudar as teorias raciais do século XIX com base em Sílvio Romero, Nina Rodrigues e Euclides da Cunha, afirma que “o que se propõe os intelectuais do período é a construção de uma identidade de um Estado que ainda não é” (ORTIZ, 1982, p. 34).

Ora polemizando com os “centros” políticos e culturais do Brasil agrário do século XIX, esses juristas, poetas, filósofos, críticos, políticos, ora estabelecendo um diálogo direto com outros modelos estrangeiros que não apenas o francês, esses intelectuais foram responsáveis por múltiplos debates que iam

² Tobias Barreto de Menezes nasceu em Campos, Sergipe, em 7 de junho de 1839 e morreu no Recife, Pernambuco em 26 de junho de 1889. Em 1862 Tobias Barreto muda-se para o Recife ingressando na Faculdade de Direito em 1864 concluindo o curso de Direito em 1869 voltando então a viver no interior. A partir de 1871 passa a morar em Escada, atuando como advogado, sem perder o contato com a vida intelectual de Recife. Permanece em Escada até 1881 quando presta concurso para professor da Faculdade de Direito em Recife. Aprovado em primeiro lugar toma posse como professor substituto em 1882. Sua vida boêmia prejudica muitos de seus projetos intelectuais.

³ Utilizamos o termo Escola como frequentemente aparece nos estudos sobre o movimento, no entanto é questionável a aplicação da noção de escola para esse grupo de estudantes e professores reunidos na Faculdade de Direito do Recife. Os principais nomes ligados a escola foram: Sílvio Romero, Capistrano de Abreu, Graça Aranha, Artur Orlando, Clóvis Bevilacqua, Martins Júnior, Faelante da Câmara, Oliveira Teles, Sampaio Leite, Augusto Franco, Urbano Santos, Abelardo Lobo, Vitoriano Palhares, José Higino Duarte Pereira, Araripe Júnior, Gumercindo Bessa, João Carneiro de Sousa Bandeira. Cf: FILHO, 1985, p.47-48.

da literatura estrangeira anglo-saxã⁴ à filosofia alemã passando pela música e poesia nacional. Nesse contexto Tobias Barreto se destaca e passa a ser considerado por muitos como o mais ilustre dos membros da escola. Em primeiro lugar por sua capacidade intelectual reiterada não apenas por Sílvio Romero, também por diversos biógrafos e comentadores de sua obra⁵ visto ainda como, “boêmio, revoltado, amigo de polêmicas, sua vida foi uma série de atropelos e desafios” (COSTA, In: HOLLANDA, 2004, p. 339). E no campo das ideias Tobias Barreto exerceu de forma marcante os espaços por onde passou e os diversos laços sociais que estabeleceu como professor, como escritor, como político, como polemista, como abolicionista.⁶

O movimento exerceu sua influência como marco de reflexão e de debate em torno de temas, os quais se estenderiam até a chamada Geração do Regionalismo dos anos 1930, passando pelo Movimento Regionalista de 1926, a elaboração do Código Civil de 1916 com participação efetiva de Clóvis Beviláqua, além da literatura produzida por seus membros e o exercício de cargos públicos. É o caso de Graça Aranha que foi diplomata e escritor. Vamireh Chacon se vale da metáfora da árvore para ilustrar as relações entre os diversos membros da escola de 1870 a 1930, ao se referir ao Movimento Regionalista relegaria as “raízes” desse movimento: “Raízes confirmadas por Euclides da Cunha em Os Sertões, obra vivida no Nordeste mas por um fluminense e escrita no interior de São Paulo. Árvore desabrochando em todo movimento regionalista literário em José de Américo Almeida, A Bagaceira, 1928, Raquel de Queiroz, O Quinze, 1930, até Amando Fontes, Graciliano Ramos e Jorge Amado nos seus melhores momentos” (CHACON, 1996, p. 60).

Não cabe no limite deste trabalho explorar os pontos de divergência e convergência entre os diversos membros da escola. Mas vale ressaltar a necessidade de se pensar o movimento como intimamente relacionado com a formação cultural do início da República nas características que vão se tornar o fio condutor de uma extensa discussão sobre a identidade nacional que encontrará na semana de arte moderna de 1922, da qual Graça Aranha participou ativamente, um de seus momentos mais intensos.

Por outro lado, a presença no pensamento desses intelectuais de uma crítica à cultura nacional como elemento indissociável para o diagnóstico de nossa identidade transcende os debates raciais carregados de determinismo biológico e evolucionista. Mesmo que as ideias de Herbert Spencer e Charles Darwin tenham sido discutidas por Tobias Barreto e influenciado muitos de sua geração, a marca do evolucionismo racial

⁴ Veja-se principalmente o texto de Tobias Barreto, Nota sobre a literatura da América do Norte (1886), onde Tobias traça um panorama geral da tendência assumida por essa literatura e que é chamada de yankeeísmo, ou seja, o caráter nacional que passa a definir a literatura na América do Norte. Cf: BARRETO, 1978, p.50.

⁵ Destacamos aqui os comentadores e biógrafos de maior relevância: Hermes Lima, Evaristo Moraes Filho, Clóvis Beviláqua, Gilberto Amado e Paulo Dantas

⁶ Sob o aspecto do movimento abolicionista a bibliografia atinente a participação de Tobias Barreto não é unânime. Alguns autores como Evaristo de Moraes Filho afirma que Tobias Barreto chegou a “ficar para trás, superado e hesitante, perdido entre os livros” mesmo sendo mulato e tendo vivido o preconceito quando tentara se casar. In: FILHO, Op. cit, p.144. Já Angela Alonso em trabalho sobre Joaquim Nabuco evidencia um episódio interessante onde: “Com José Mariano, fundou a Sociedade Pernambucana contra a Escravidão e foi à Escada, encontrar Tobias Barreto. Os três pediram aos proprietários locais a alforria de seus escravos e denunciaram o uso de açoites – agora ilegal – ao presidente da província”. In: ALONSO, 2007, p.215.

estará condicionada a sua dimensão cultural onde o meio geográfico e histórico se sobrepõe ao fator biológico.⁷ Enquanto mestiço seria natural esperar que Tobias não aceitasse o condicionamento racial como explicação primeva para nossa “involução” social tema em que discute em importante texto publicado em alemão em 1876 (*Brasilien wie es ist in literarischer hinsicht betrachtet*, algo como, *O Brasil tal como é do ponto de vista literário*). Ao analisar o lugar do determinismo nesse contexto das ideias, Márcia Naxara afirma o que segue:

Os princípios deterministas só fazem se aprofundar durante o século XIX, quaisquer que fossem as variáveis consideradas para esse determinante – tempo, meio, raça, cultura, economia, ou a junção de alguns ou todos esses elementos. Para se estabelecer a ideia de povo era preciso, também, estabelecer a unidade na diferença, cuidando, para que apesar desta, todos se identificassem pela razão e pelo sentimento, como brasileiros. (NAXARA, 2004, p. 132).

É inegável que a imputação causal do nosso atraso em Tobias passa longe da explicação racial, mas toca em cheio na historicidade de nossa colonização e organização social além da nossa ingerência política. Logo retomaremos as críticas de Tobias a cultura nacional. No momento o mais importante é salientar a relação entre a crítica do nosso atraso e da nossa barbárie – como aparece em Graciliano Ramos, Euclides da Cunha e Guimarães Rosa – como uma genealogia de temas e ideias já presentes na Escola do Recife: o caráter nacional, nossa literatura, nosso atraso, nossa barbárie e violência, o autoritarismo de nossas oligarquias e seu exercício do poder político e militar. Em carta a João Alfredo de Freitas datada de 1884 e intitulada Lendas e superstições do Brasil Tobias argumenta: “O meu nobre collega ha de concordar commigo que a raça já vae se tornando uma especie de força occulta, uma quidditas escolastica, invocada á todo instante para dar a explicação de muita cousa inexplicavel. É hoje questão de moda; felizmente o que a moda traz, a moda leva. O que se diz actualmente da raça, já se disse do instincto. Havia tempo em que elle era o guia obrigado de todos os phenomenos ethnologicos”, e conclui: “É de esperar porém que a raça desapareça, como desapareceu o instincto” (BARRETO, 1926, p. 296).

Como podemos observar, Tobias Barreto se opõe ao “clima” geral de seu tempo e reforça nosso argumento em torno da recepção de ideias estrangeiras por essa geração. Em outras palavras, essa recepção não se dava de forma acrítica ou passiva. Ao contrário, sofriam leituras e interpretações diversas, ainda que consideremos o movimento do tempo que consolidou a interpretação de certo sentido em torno do debate da raça, por exemplo. Como aponta Naxara, ao se referir a esse clima intelectual:

Permeados pelas teorias evolucionistas, tal como se desenvolveram no século XIX, e pelas alterações na concepção de progresso a elas vinculadas, na medida em que a alteração do

⁷ Sobre a tensão entre o positivismo e a recepção do evolucionismo de Spencer ver: COLARES, e ADEODATO, 2011, p. 36-66. Ainda: GUIMARÃES, 1991, p. 93-102.

registro da natureza e da natureza humana ganharam contornos diferenciados com a adoção da biologia como modelo de análise que perpassou o conhecimento, com modificações, ao longo do século. A sua expansão e os aportes científicos daí decorrentes, que proporcionaram o aumento do conhecimento, foram simultâneos à percepção do quão grande é o desconhecimento do mundo natural, do mundo dos homens e da relação destes com o meio em que vivem. (NAXARA, 2004, p. 79).

Assim, buscamos nos limite deste trabalho explorar essa possibilidade: qual seja, a constituição *a priori* de um quadro de debates intelectuais e ideias que farão parte de uma agenda ampla de reflexão e autorreflexão sobre a cultura nacional que estão articuladas na crise e transição do Império para a República e assumem novo teor e densidade com os paradoxos e conflitos do nosso regime republicano: Canudos, Contestado, Revolta da Vacina, Revolta da Chibata, Tenentismo, Revolução de 1930, para citar os principais. Campo intelectual esse que nasce no coração do sertão nordestino, mas que guarda em si uma tendência ao universalismo de seu projeto e rompimento com a ordem vigente, a despeito de todas as diferenças e singularidades entre os intelectuais desse universo. Em outras palavras, haveria uma raiz ideológica comum entre a crítica à cultura nacional oitocentista, especialmente da Escola de Recife, que reverberaria posteriormente em nossa intelectualidade? É que procuraremos explorar.

Composição de um campo de batalhas: crítica à cultura e a identidade Nacional

O debate em torno de uma definição ou definições para a identidade nacional é tema dos mais recorrentes na historiografia brasileira contemporânea. Quando nos remetemos as raízes historiográficas dessa discussão invariavelmente nos voltamos para a formação do nosso Estado nacional enquanto unidade política e cultural: a emergência do Brasil independente de Portugal e do Brasil republicano. Estes dois momentos, que inegavelmente produziram grandes impactos sobre o devir de nossa formação identitária.

Ao final do Império sistematizam-se em torno das correntes filosóficas europeias grupos intelectuais articulados, de forma mais ou menos homogênea, a formulação – aos olhos deles identificação – de nossa identidade nacional, de nossas características intrínsecas e que seriam a chave explicativa para o nosso futuro como Nação. Dentre esses grupos a Escola de Recife pode ser compreendida como o nódulo de confluências da recepção de referenciais teóricos alternativos a hegemonia positivista e seus integrantes possuem tanto o signo do polemismo entre eles mesmos quanto a que projeto (s) e ideologia (s) seriam as mais apropriadas para a construção de uma mudança social efetiva. Segundo Angela Alonso a constituição da revolta desses intelectuais contra o *status quo* imperial se deve a dificuldade desses intelectuais em efetivar suas ascensões sociais (ALONSO, 2002, p. 138). Por outro lado dentro do universo intelectual oitocentista brasileiro as filiações a grupos políticos de interesses também passava pela filiação filosófica e

essas filiações não se davam apenas por pressões das esferas externas de imposição política e econômica ou desejo de ascensão ou status social.

É o caso, aos nossos olhos, de Tobias Barreto e Sílvio Romero. Pertencentes a classes sociais diferentes, um ligado ao latifúndio provinciano decadente e o outro a classe média urbana emergente e com trajetórias intelectuais diversas – Tobias jamais sai da província e Romero muda-se para a corte –, não podemos simplesmente dissociar na onda das suas singularidades as linhas mestras de suas críticas sociais e culturais. Tanto em Tobias quanto em Romero a cultura é elemento-chave para compreensão e crítica de nossa realidade, ainda que em cada um esse debate se dê por vias diversas como veremos. Importa destacar que dentro do campo intelectual a busca pela diferenciação desses intelectuais não impossibilita pensar na unidade do próprio campo. Como destacam Veloso e Madeira ao analisarem a formação de um campo intelectual a partir de três intelectuais diversos (Machado de Assis, Euclides da Cunha e Lima Barreto): “Cada um deles constrói seu diálogo com outros autores e tradições, visando encontrar seu lugar de fala. Assim, a biografia entrelaça-se a história, e as trajetórias individuais, ao se definirem, vão compondo as redes institucionais que demarcaram o horizonte cultural da época” (VELOSO e MADEIRA, 1999, p. 81). A afirmação pode ser estendida aos intelectuais que nos propomos a analisar já que a constituição do campo intelectual que vai se apropriar do sertão como locus privilegiado de suas reflexões e dará luz a toda uma literatura ficcional, filosófica e científica já era ensaiada pelos intelectuais da geração de 1870.

Mas se, “no sertão, mesmo a realidade mais “iniludível” vista através de lentes de aumento e de uma visão complementada pela técnica do binóculo traz sempre o risco da ilusão e do fictício” (NICOLAZZI, 2009, p. 83), então como analisar a produção desses intelectuais que vivem e pensam estando no sertão – Tobias publicou um jornal em alemão, o *Deutscher Kaepfer*, no interior do Sergipe, na cidade de Escada⁸ na década de 1860 – mas que se voltam sua crítica para as peculiaridades locais o fazem se valendo delas como exemplos de nossa inferioridade cultural enquanto nação?

Em primeiro lugar precisamos delimitar o contexto dessa produção intelectual que não trabalhava com categorias de local e universal, tal quais as entendemos. No debate sobre a nossa “*evolução mental*”, como os autores do período se referiam, a influência estrangeira passava pela consciência de que nosso progresso material e espiritual andava muito aquém das nações ditas civilizadas. O Brasil era o sertão do mundo. Sertão aqui entendido na sua acepção de espaço do atraso, o oposto da civilização (ALBUQUERQUE Jr., In: PASSOS; WITEZE JÚNIOR; RESENDE; SILVA, 2013, p. 15). Por isso, o chamado culturalismo da Escola de Recife constituiu-se como mecanismo para propor a transformação da realidade de atraso para a superação dos nossos problemas sociais profundos. No entanto, “as teorias

⁸ As relações entre o local e o global podem ser pontuadas nos seguintes termos: “Quando Tobias pretende pensar o Brasil a partir da sua cidade, Escada, está analisando o todo a partir das partes. Poderia uma amostra local servir de referência para uma análise global? Segundo o nosso autor, o que ocorria em Escada era uma amostra do comum nas demais cidades brasileiras” (JESUS, 2013, p. 211).

culturalistas não constituem propriamente uma Escola, formam um movimento em torno do imperativo moral de transformar o mundo. Imperativo que para Tobias Barreto era compromisso menos acadêmico do que desafio real de salvar a liberdade do homem” (CARVALHO, 2002, p. 89).

Intervir na realidade e não apenas explicá-la. Eis a tarefa que se propuseram esses intelectuais. Não à toa exerceram cargos políticos e participaram de movimentos e associações culturais, além da atividade educacional, artística e filosófica. Nesse sentido a Escola também serviu de base para a formulação e formalização das ciências sociais e jurídicas, tendo em vista que, institucionalmente a Faculdade de Direito do Recife foi o ambiente de formação desses quadros intelectuais. Sobre essa faceta vários trabalhos já evidenciaram a importância da Escola na reformulação dos saberes jurídicos. Segundo Alberto Venancio Filho:

O movimento da Escola de Recife representava, contudo, e talvez pela primeira vez, a realização daquela grande tarefa a que se tinham proposto as faculdades de direito, de representarem grandes centros de estudo das ciências sociais e filosóficas no Brasil, mas da qual, via de regra, se vinham omitindo ou escapando, pois trazia o movimento no seu bojo um problema de transformação de ideias no campo da filosofia, no campo do pensamento científico e no campo da crítica literária (VENANCIO FILHO, 2011, p. 96).

O período é demarcado assim pela recepção e reelaboração de modelos filosóficos e teóricos estrangeiros dos mais diversos, sendo que o germanismo da Escola de Recife deu o tom de diferenciação do movimento. A própria percepção do espaço, da paisagem singular do nosso território a influência estrangeira é predominante. Como destaca Wille Bolle:

A base teórica para a construção da paisagem como retrato do país foi criada no Romantismo europeu. Por intermédio dos viajantes das primeiras décadas do séc. XIX a ideia chegou ao Brasil, onde foi vivamente acolhida pela elite que desejava dar um sólido sustento cultural à construção política do Estado independente, através da fundação concomitante de uma ‘paisagem nacional’. Assim se desenvolveu aqui, entre os anos de 1820 a 1870, um rico repertório de formas e procedimentos, no qual puderam se basear Euclides da Cunha e Guimarães Rosa em seus mapeamentos literários do país (BOLLE, 2004, p. 49).

A geração de 1870 foi profundamente marcada pelo romantismo europeu. Tobias chegou a escrever poesias inspiradas em Victor Hugo, além de traduzir muitos poemas do mestre francês. O romantismo é notadamente o movimento intelectual que articulou em território nacional a constituição de uma identidade que confluísse nossa formação étnica, geográfica e histórica, logo, a base para a conformação da mitologia da democracia racial. Não à toa a literatura e a história – a partir da criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 1838 – foram acionadas dada as suas capacidades para produção de mitos e

imaginários de cunho identitário pela via ficcional literária e científica. Duas das qualidades que darão fortuna à obra de Euclides da Cunha. Mas quais as bases de sustentação da crítica à cultura e a identidade nacional em Tobias Barreto e Sílvio Romero? Ela encontra ressonância nas críticas dos descendentes aos mesmos problemas sociais e culturais enfrentados na transição do império à República (exclusão social, violência e autoritarismo do Estado, dependência cultural externa)? Vejamos.

Retórica do polemismo e do pessimismo: do germanismo à crítica da literatura

Um dos aspectos fundamentais nos estudos historiográficos sobre o Oitocentos é a relação íntima entre a constituição das ideias e sua circulação nas elites intelectuais, além da retórica intrínseca a esses discursos. A questão é complexa e delicada. Do ponto de vista metateórico aqui os estudiosos se dividem em dois grupos. O primeiro grupo considera a retórica desses intelectuais como puro ornamento ocioso e vazio de sentido, útil apenas na produção de efeito discursivo em cena. O segundo grupo compreende que essa retórica não é apenas uma nuvem de fumaça discursiva, mas a própria estrutura de construção do pensamento desses intelectuais (Sobre o debate veja-se: CARVALHO, 2000, p. 123-152).

No caso da geração de 1870 e da Escola de Recife, a retórica é onipresente nos discursos produzidos fossem nos palanques, auditórios, jornais, panfletos ou tratados filosóficos e legais. Tanto Tobias quanto Romero foram grandes oradores e também polemizaram com um sem número de outros intelectuais de seu tempo, que foram de José de Alencar a Machado de Assis, passando pelo Imperador, os padres do Maranhão, Castro Alves, Machado de Assis e muitos outros⁹. Essas polêmicas também envolveram os grandes intelectuais europeus do período: Darwin, Comte, Marx, Kant, Spencer, para citar alguns. Mas como se construiu a argumentação em torno de uma crítica a cultura nacional em Tobias Barreto? Vamos primeiro ao diagnóstico:

É conhecido, que o Brasil se apresenta como a terra predestinada e de promessa de Deus, o que é peculiar a cada povo atrasado. Em geral, os brasileiros sofrem infelizmente duma magalomania romântica: eles se julgam chamados para resolver a mais importante questão histórica mundial, portanto, para superar os restantes povos do novo mundo. Nem faltam centenas de profetas, que desvendam o obscuro futuro e profetizam o domínio da solitária monarquia da América sobre o orbe terrestre inteiro. Com uma segurança, que não tem similar, tomam a sério os tropos da retórica patriótica e juram naquelas palavras ingênuas do poeta:

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques tem mais vida,
Nossa vida mais amores.

⁹ Sobre Carlos Gomes, Tobias afirmara: “E seja como fôr, eu digo sem reboço: - na galeria de estatuas mutiladas, que enchem o pequeno pantheon das notabilidades brasileiras, Carlos Gomes é um dos poucos, que tem nariz, isto é, que tem uma feição própria, uma feição individual e característica, adaptada ao nosso espirito e ao nosso estado de cultura”. In: BARRETO, 1926, p. 314.

Assim, porém, não é. Nem tudo que brilha é ouro. Bem pode ser o Brasil muito poético e maravilhoso e paradisíaco e quem sabe mais ainda, só não é rico de talentos, de forças espirituais, de fatores vivos do progresso humano. Somos, sem dúvida, como repetidas vezes se proclama, o povo dos rios gigantes, das cobras monstruosas e, querendo assim, das estupendas florestas milenárias, das pedras preciosas, das montanhas auríferas; mas, infelizmente somos também o povo rude dos espíritos mais medrosos, das cabeças mais medíocres, entre as quais até os assim chamados sábios podem ser enumerados, quer gostem quer não. A palavra acertada de Löher, que seria uma loucura que na América amanheça o novo magnífico porvir da humanidade, adapta-se melhor ao Brasil, do que a qualquer outro estado do continente. (Brasilien Wie Es Ist/O Brasil tal como é, 1876 – Tradução de Vamireh Chacon. In: BARRETO, 1978, p. 30-40)

No caso da trajetória intelectual de Tobias Barreto, a opção pela Alemanha enquanto modelo cultural superior ao francês é a chave de explicação para o seu entendimento da realidade nacional e a crítica ao patriotismo ingênuo, como coloca o sergipano em relação às nossas riquezas naturais. Tobias “descobre” a Alemanha por volta de 1870 e logo ela assume lugar central no seu pensamento. A partir de então o diálogo e troca de cartas e ideias com a Alemanha se intensifica, sendo que em 1875 ele chega a publicar um jornal em alemão em Escada, no interior do Sergipe.

Mas qual a importância desses escritos de Tobias para o entendimento de sua crítica a identidade nacional? Primeiramente a natureza desses escritos colocam eles como pontos de vista privilegiados de análise já que eles foram produzidos para um destinatário que era o estrangeiro. Ao produzir em alemão para alemães, Tobias deixou transparecer críticas ásperas à nossa cultura. Não que não tenha realizado a mesma crítica em língua nacional, mas como a identidade se define na relação de alteridade, ao definir seu país a esse outro estrangeiro, o sergipano define a si mesmo numa construção dialética de significação. Fundamentalmente seus alvos podem ser sintetizados em dois grandes tipos: 1 – nossa cultura política e o Estado Imperial; 2 – nossas expressões culturais: música, literatura, teatro, filosofia etc. Essa dupla natureza de nossos “pecados” como nação são explicitadas por Tobias em escrito de 1874 intitulado, “Nosso atraso”:

A candidatura do Brasil aos fóros de nação culta é um phenomeno morbido: - alguma cousa de semelhante ao disparate dos loucos, que se julgam reis. Que cultura se concebe para um povo, cuja religião, cuja política são puramente mechanicas? E que religião, e que politica póde haver em um paiz, onde a philosophia é nulla, onde a arte é nulla, onde a sciencia é nulla? - Eis ahi tudo (BARRETO, 1926, p. 258).

O pessimismo quanto a possibilidade de evolução cultural do Brasil é uma constante nessa retórica da negatividade. Interessante notar como na Era de ascensão do sentimento nacional com forte inserção social em todo o mundo Ocidental, Tobias joga na contramão de seu tempo produzindo uma crítica visceral ao patriotismo vigente. Nas suas palavras o nacionalismo “que Lessing chamava uma heroica fraqueza, -

tempo ha de vir, em que limitar-se-ha a ser simplesmente um objecto de estudo para os psychiatras, como uma nova especie de mania sine delirio, como uma psychose, como uma doença” (BARRETO, 1926, p. 310). Para superação dessa aporia caberia então ao pensador se colocar como ponta de lança para uma crítica radical da cultura nacional e a construção daquilo que se considerava uma cultura autêntica.

E como se daria a contribuição de Tobias para o progresso de nossa cultura? Inicialmente pelo diagnóstico de nossa miséria. Dessa maneira Tobias declara seu intento: “profundamente compenetrado na necessidade duma reforma da vida espiritual brasileira, tomo a peito, tanto quanto minhas forças o permitem, de fazer sentir mais e mais aos meus compatriícios, completamente enganados de seu rumo intelectual, a grandeza da Alemanha”; Ainda, em suas palavras: “continuo no folguedo, sob forma menos perigosa, mas igualmente aprazível. É dar alfinetadas na vaidade de uma sucia de parvos, para rir-me de sua furia e dos seus insultos, que aliás me deixam illeso” (BARRETO, 1926, p. 311).

Esse desejo pela polêmica se efetiva tanto na estratégia retórica agressiva quanto na necessidade de distinção do intelectual no sertão, que pensa na província e a partir da província. O alvo privilegiado será a corte. Em texto de 1875 intitulado “Misérias do império e sua côrte”, Tobias constrói péssima imagem para a corte e imputa a ela a causa de nossa decadência. Assim, a capital seria o local de guarda de um “governo estolido e mesquinho (...) o Rio de Janeiro é o tumulto do Brasil; mas note-se que o tumulto nada tem a vêr com a morte” (BARRETO, 1926, p. 177). Mesmo a densidade populacional da corte e sua constituição enquanto capital cultural a salvariam da decadência já que: “em vão para ali affluem todos os annos dúzias de legisladores; em vão alli residem centenas de advogados, e um sem numero de illustrados de todas as classes: o Rio de Janeiro não se assignala, diante das provincias, por qualquer progresso, neste ou naquelle ramo de conhecimento. E oxalá que á isto se limitasse o seu atraso. Mas não ha tal” (BARRETO, 1926, p. 177).

Obviamente que para o autodidata que jamais saiu da província e desejava se impor dentro da esfera intelectual a negação da corte poderia soar como uma declaração de autoexclusão do jogo político e cultural nacional. E é exatamente atrás da necessidade de diferenciação, de singularização dentro do universo intelectual que Tobias escolhe a crítica à corte como *modus operandi* de sua retórica. Logo a opção pela Alemanha em detrimento da força que a cultura francesa tinha na corte constitui uma das opções possíveis de alternativa. Talvez a opção mais em voga tendo em vista o crescimento político e econômico germânico nos fins do XIX. Curiosamente outro concorrente que começava a deslumbrar o horizonte brasileiro só vai ser considerado como opção viável por Romero. Tobias não teve tempo de visualizar a emergência dos Estados Unidos como potência mundial. Sobre a cultura norte-americana encontramos um pequeno texto bastante positivo de Tobias intitulado “Notas sobre a literatura na America do Norte”, datado de 1886, nos informa que: “Uma nação, por conseguinte, cujo materialismo, tantas vezes malsinado, admite semelhante idéa de um dever nacional para com a litteratura, não tem somente um futuro na mostruosa aposta dos povos

sobre os portos e praças commerciaes do mundo; altos destinos tambem se lhe reservam no puro dominio da vida espiritual” (BARRETO, 1926, p. 177).

Mas então qual seriam as causas primeiras de nosso atraso? Tobias não vacila em apresentar as heranças de nossa metrópole como a fonte de todos os nossos males culturais. Ao comentar a obra *Correntes principais da literatura do século XIX*, do dinamarquês Georg Brandes, Tobias Barreto enfatiza a tese defendida no livro de que a literatura pode representar a natureza de um povo se ela for completa, ou seja, se haja nessa nação a expressão de todos os gêneros literários. Nesse caso Tobias contra-argumenta que nem França nem Alemanha possuía então tal completude. Há lacunas inerentes ao processo de evolução dos povos:

Pois, mesmo a falta de produções literárias é um manifesto psicológico do enfraquecimento ou vácuo espiritual de uma nação. Cada atividade espiritual do povo, diz Julien Schmidt, tem o seu tempo; ora entra em primeiro plano a arte poética, ora a filosofia; ora as ciências jurídicas, ora a política; ora o movimento religioso entra no primeiro plano e influi nos outros momentos, ou ao menos na participação do povo e na atuação sobre o mesmo. (*Brasilien Wie Es Is/O Brasil tal como é*, 1876 – Tradução de Vamireh Chacon, In: BARRETO, 1978, p. 50).

Ao mesmo tempo em que essa retórica agressiva parece depreciar ao contrário de idolatrar a realidade nacional, ela também cumpre a função de dupla conjunção na construção da alteridade: ela busca identificação e apoio alemão para a reformulação de nossa cultura enquanto inspiração e a negação da cultura francesa sorvida pelas nossas elites inicialmente via dominação da metrópole lusitana. Também em Sílvio Romero essa retórica pessimista e polemista se apresenta invariavelmente ligada ao lugar de fala no campo e sua pretensão de distinção: “Em Sílvio Romero (1851-1914), a pretensão científica era frequentemente contrabalançada, Às vezes anulada, por um temperamento polêmico, que hoje parece até simpático, mas que certamente contribuiu para muitos de seus juízos falsos, positivos ou negativos” (LEITE, 1976, p. 180).

A retórica da negatividade é invertida e revertida em amor à pátria. A crítica exaustiva aos problemas nacionais procuraria funcionar então como vetor para reflexão diante de nossa condição e então movimento para a maquinaria da transformação social. Além de fator de distinção dentro do campo intelectual essa retórica fomentaria a natureza intrínseca de um verdadeiro patriotismo, aquele que não se engana diante das ilusões ideológicas construídas pelo sentimento nacional, tampouco supervaloriza a produção cultural estrangeira, mas busca observar o quadro mais geral de composição das correntes filosóficas em circulação no ocidente oitocentista.

Novamente Tobias Barreto se volta para o monarca tropical de forma contundente, se valendo de seu exemplo como avatar de nossas estruturas sociais mais arcaicas. A mesma lógica de construção retórica de depreciação de si pelo olhar do outro é utilizada por esses intelectuais de forma sistemática, e nesse ponto

talvez tenham caído na armadilha de se absorver um ponto de vista eurocentrista quando lhes foi convenientes, ao passo que as filiações teóricas se realizaram de forma dispersa. É o caso em Tobias e seu diálogo com a obra do historiador Henry Thomas Buckle (1821-1862). Buckle foi autor de grande circulação no final do séc. XIX e início de séc. XX no Brasil. Suas obras se centravam num ponto de vista progressivo, evolutivo em termos de civilização. No caso do escrito de Tobias que aqui analisamos – o *Brasilien Wie Es Ist* de 1876 – o uso das ideias do autor britânico serve de sustentação teórica e de legitimação internacional para a reafirmação de nossa inferioridade e atraso cultural, um reformo de densidade para o argumento de autoridade a qual o autor busca consolidar junto ao seu público.

Povo “pobre”, “despreocupado”, “preguiçoso”, “inconsciente”, “sem ideias”, ainda que ao nosso alcance a paisagem natural seja das mais deslumbrantes e favoráveis ao nosso desenvolvimento tal é o entendimento. No segundo capítulo do primeiro volume da sua importante “História da Literatura Brasileira” (1888), Romero recorre ao mesmo esquema teórico para construir sua análise da nossa literatura. Nas suas palavras: “A poderosa lei da concorrência vital por meio da seleção natural, a saber, da adaptação e da hereditariedade, é aplicável às literaturas, e à crítica incumbe comprová-la pela análise dos fatos”, isso posto tendo em vista que, “a darwinização da crítica é uma realidade tão grande quanto é a da biologia” (ROMERO, 1980, p. 59).

O uso das teorias evolucionistas aportadas no Brasil naquele contexto e que assumiriam lugar na consolidação das nossas ciências sociais, médicas, criminais e antropológicas serviu de base para consolidação da imagem de pioneirismo tanto de Tobias quanto de Sílvio Romero num contexto intelectual bastante vasto. Pela chave da retórica polemista esses intelectuais produziram efeitos no espaço público, nos seus contemporâneos, legando à posteridade lugar de destaque aos seus nomes e obras. No entanto, outra parcela da nossa intelectualidade que o acusou de ser “o protótipo do bacharelize latino-americana: pedantemente erudita, agressiva, provinciana, alienada dos problemas políticos e sociais concretos” (CHACON, Op. Cit., p. 37). Ora, como procuramos demonstrar, alienação diante de nossos problemas sociais concretos é o que menos resistiu à retórica desses intelectuais, ao contrário eram o seu objetivo primeiro. Seus discursos estão eivados pelas questões de seu tempo, imersos nos debates mais profundos sobre nossa dependência externa, jogo esse que envolvia a crise do Império e do sistema escravista.

Considerações Finais: sobre crítica, críticos e a posteridade

Se o diagnóstico e as críticas a cultura nacional nos são apresentadas, como mostramos, numa retórica do excesso de pessimismo produzindo polêmicas que à posteridade gerou estranhamento diante da fermentação de um nacionalismo político, social e cultural extremo (visualizado na ideologia do trabalhismo de Vargas, no Tenentismo e no Integralismo, para citar três exemplos), poderíamos concordar que, nas

palavras de Tobias: “Não ha quem sinta a necessidade de olhar por cima dos muros da prisão, em que definhamos. Emparedados no prejuizo burlesco de valermos muito, de não termos que invejar ás grandes nações, vivemos de todo alheios ao movimento geral da intelligencia moderna, considerada em suas alturas” (BARRETO, 1926, p. 257)?

A resposta certamente não é fácil. Como procuramos demonstrar é indissociável, aos nossos olhos a retórica do polemismo pessimista do conteúdo que reveste essa mesma retórica com a argumentação que transita entre uma filosofia da história e a nossa localização no curso mais geral da história humana: “E se é verdade o que diz Ruediger, que cada nação deve ter um merito permanente para com a humanidade, sob pena de ser arrastada pela corrente da historia, pois ellas só se conservam, quando produzem de si mesmas, em qualquer das direcções da actividade humana, alguma cousa de excellente, que possa valer como modelo, fóra dos limites nacionaes; se tudo isto é verdadeiro, ha motivos de receio pelo futuro do Brasil” (BARRETO, 1926, p. 257).

Na visão desses intelectuais a literatura seria a expressão máxima da evolução cultural de uma civilização. Como aponta Márcia Naxara, a construção da nacionalidade passava, então, pela “aproximação entre arte e ciência, representação e conhecimento”, ou seja, por “uma construção estética, plasticamente pré-formulada, a partir de padrões tidos como ideais, da mesma forma que ideal se projetava a Nação una e homogênea” (NAXARA, 2004, p. 138). Não à toa Romero produz cinco volumes de sua “História da Literatura Brasileira”, destrinchando quatro séculos de correntes literárias, movimentos, autores, ideias e obras que constituiriam o nosso espólio literário ao mundo. Tobias Barreto também produziu muito sobre literatura. Um dos volumes de suas obras completas é dedicado a crítica literária e da cultura e em diversos momentos faz referência a obras e autores daquele momento, sem contar que foi poeta (Cf: BARRETO, 1926, Vol. III). Assim, a tarefa da crítica e da crítica literária seriam das mais urgentes e fecundas. A literatura nesse sentido representaria a síntese do próprio *zeitgeist* de uma civilização: “costuma-se dizer – e envergonho-me de repetir verdade tão trivial – que a literatura dum povo representa a história inteira de suas opiniões e sentimentos” (*Brasilien Wie Es Is/O Brasil tal como é, 1876* – Tradução de Vamireh Chacon, In: BARRETO, 1978, p. 50). Nosso pecado mortal não residiria na dependência de modelos estrangeiros apenas, mas o equívoco capital estaria no erro na escolha do interlocutor francês porque, “em relação à Arte, Religião, Política, nosso sentir e pensar originam-se em França, formados pelo modelo desta. Assim, cada um dos nossos presumidos pensadores e escritores tem, por assim dizer, um par de muletas francesas, só com elas se podem movimentar, por isso parece a Literatura brasileira e pobreza duma própria vida substancial. Alimentando-se de migalhas francesas o pensamento brasileiro só produz névoa e fumaça” (*Brasilien Wie Es Is/O Brasil tal como é, 1876* – Tradução de Vamireh Chacon, In: BARRETO, 1978, p. 34)

Como bem sabemos, ao longo de nossa história a literatura funcionou como produtora de discursos tanto de críticas a nossa identidade quanto serviram à construção e consolidação dessa identidade. Nesse

caso os intelectuais que pensaram o Brasil a partir do sertão e da província também almejavam a constituição de uma literatura nacional. Os movimentos regionalistas travaram luta tanto num ambiente interno de consolidação frente a outras regiões, especialmente contra o eixo Rio-São Paulo, quanto as ideologias internacionais que circulavam em território nacional.

No caso dos intelectuais da geração de 1870 que vivenciavam um processo ainda tímido de defesa do republicanismo, os paradoxos inerentes a expansão das fronteiras internas levado a cabo pela República gradativamente, não fora vivenciado. Logo toda uma literatura que “descobre” os sertões e as contradições dos projetos de modernização seletiva se encontra ainda em gestação. Mas haveria na literatura sobre os sertões brasileiros influência do ideário de 1970 para além do lugar-comum de sua contribuição para nossa formação identitária?

Evolucionismo aplicado ao desenvolvimento da literatura. A metáfora da seleção natural aplicada aos “organismos” culturais é corrente ao longo da análise da literatura nacional feita por Romero. Ainda assim, tentamos extrapolar esse outro lugar-comum que a historiografia consolidou e mostrar como através de uma retórica do pessimismo e da crítica a nossa cultura esses intelectuais tentaram equacionar o problema de nossa evolução cultural localizada no mesmo espaço-temporal das nações desenvolvidas do oitocentos. Nesse sentido teríamos um grave problema metodológico em perspectiva porque, “outrossim, também a nossa literatura se apresenta bastante lacunosa e incompleta. Apesar disso ela leva a chancela do nosso espírito, ou melhor, o cunho da nossa miséria”. (*Brasilien Wie Es Is/O Brasil tal como é, 1876* – Tradução de Vamireh Chacon, In: BARRETO, 1978, p. 54). Miséria essa levemente mascarada pela ideologização de um sentimento nacional trivial, mas profundamente articulado ao imaginário republicano que sustentará o autoritarismo de exclusão e violência sociais extremos. No caso da Escola do Recife – guardadas as diferenças entre os integrantes – ela escapa parcialmente dessa armadilha quando elege a cultura como noção chave para o entendimento e mapeamento da natureza de nossa identidade, e não apenas a raça ou o meio geográfico. Como afirma Ortiz “a cultura é a consciência coletiva que vincula os indivíduos uns aos outros” (ORTIZ, 1982, p. 612).

Destacamos que a noção de cultura estava impregnada antes de Tobias e Romero pelo debate natureza/cultura. Ou seja, não era compreendida enquanto dimensão antropológica de produção de significados e significações para as atividades humanas, mas como conceito explicativo das relações da humanidade com a natureza e seu desenvolvimento (Sobre esse debate sugerimos: BORGES, 1991, p. 133-137. Ainda no mesmo volume: CALAFATE, p. 139-142). Assim, através da noção de cultura e da retórica do polemismo esses intelectuais construíram um movimento e muitas reações dentro da efervescência da crise do Brasil Imperial.

Como ressaltam Veloso e Madeira, “Apesar de suas contradições e divergências internas, decorrentes de uma maior complexidade adquirida pelo próprio campo intelectual, a “geração de 1870” representa um

dos grupos mais importantes para a cristalização da ideia de nação como ideologia, ou seja, para a potencialização de sua força como “*estratégia de luta política*” (VELOSO e MADEIRA, 1999, p. 38). Haveria razão ainda para acreditarmos que as relações entre o nosso modernismo, o desenvolvimento da literatura regionalista e sertanista e a geração que pensou, repensou e idealizou um projeto de nação ao fim do Império se encontrariam tão apartadas que jamais poderíamos conjecturar o seu diálogo ainda que esfumado pelas especificidades de cada tempo histórico e campo intelectuais distintos? Ouçamos Euclides da Cunha em registro de 1º de setembro de 1897 lamentando-se no sertão: “Perdi-me logo, perdi-me desastrosamente no meio da multiplicidade das espécies e atravessando, supliciado como Tântalo, o dédalo das veredas estreitas, ignorante e deslumbrado — nunca lamentei tanto a ausência de uma educação prática e sólida e nunca reconheci tanto a inutilidade das maravilhas teóricas com as quais nos iludimos nos tempos acadêmicos” (CUNHA, Apud: PAREDES, In: BETTIOL, HOHLFELDT, 2011, p. 71).

Ora, não teria Euclides evidenciado ao estar no sertão o tamanho da distância entre a formação cultural do homem do litoral, da “civilização” com os saberes do sertão? Ao desafio de pensar o Brasil havia uma enorme lacuna entre conhecer o Brasil! O mesmo espanto diante do espaço e da natureza são vislumbrados na nossa geração modernista, mas com utilização e significação completamente diversa. Graça Aranha, declaradamente discípulo e Tobias Barreto, publicava em 1902 sua obra maior, “Canaã”. Na obra, Milkau, imigrante europeu chega ao Brasil com o intuito de aqui viver. Deslumbrado pela exuberância da paisagem natural ele conclui esperançosamente que aqui haverá de transformar o país por completo, de cima a baixo. Sabemos que a imigração europeia foi considerada como solução para nosso desenvolvimento. Mas, poderíamos confiar nas palavras de Milkau como fórmula para a solução de nossos dilemas enquanto povo? Seria a nossa identidade tão cruelmente perdida que apenas a luz dos civilizados poderia nos conduzir ao caminho do progresso? Fiquemos com seu raciocínio e elaboremos nosso julgamento:

Há uma tragédia na alma do brasileiro, quando ele sente que não se desdobrará mais até o infinito. Toda lei da criação é criar a própria semelhança. E a tradição rompeu-se, o pai não transmitirá mais ao filho a sua imagem, a língua vai morrer, os velhos sonhos da raça, os longínquos e fundos desejos da personalidade emudeceram, o futuro não entenderá o passado... (ARANHA, 2005, p. 36).

Referências

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Entre bugres e confins: as imagens do sertão na obra de Mário Palmério. In: PASSOS, Aruanã Antonio dos; WITEZE JÚNIOR, Geraldo; RESENDE, Leandro Rocha; SILVA, Deuzair José (orgs.). *Encontros entre História e Literatura*. Anápolis: Ed. da UEG, 2013.
- ALENCAR, Maria Amélia Garcia. A identidade sertaneja na literatura regionalista: Euclides, Hugo de Carvalho Ramos e Guimarães Rosa. *Revista de História Regional* 17(1): 89-111, 2012.
- ALONSO, Angela. *Ideias em Movimento: a geração de 1870 na crise do Brasil-Império*, 2002.
- _____. *Joaquim Nabuco: os salões e as ruas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- ARANHA, Graça. *Canaã*. São Paulo: Martin Claret, 2005.
- BARRETO, Luiz Antonio. *Tobias Barreto*. Sergipe: Sociedade Editorial de Sergipe, 1994.
- BARRETO, Tobias. *Obras Completas III – Philosophia e Critica*. Sergipe: Edição do Estado do Sergipe, 1926.
- _____. *Crítica Literária*. Brasília: Instituto Nacional do Livro/MEC, 1978.
- _____. *Monografias em alemão*. Tradução e notas: Vamireh Chacon. Sergipe: Secretaria da Educação e Cultura do Sergipe, 1978.
- _____. *Obras Completas X: Varios Escriptos*. Sergipe: Edição do Estado do Sergipe, 1926.
- BOLLE, Wille. *grandesertão.br: o romance de formação do Brasil*. São Paulo: Ed. 34, 2004.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- CARVALHO, José Maurício. O tema da cultura na filosofia brasileira. *Utopía y Práxis Latinoamericana*. Ano 7, n. 17, Junho, 2002.
- CARVALHO, José Murilo. História Intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura. *Topoi*, Rio de Janeiro, no 1, p. 123-152, 2000.
- CHACON, Vamireh. *Formação das ciências sociais no Brasil: da Escola do Recife ao código Civil*. 2.ed. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 2008.
- _____. *Sílvio Romero: elo entre a primeira e segunda Escolas do Recife*. In: Actas do III Colóquio Tobias Barreto: Sílvio Romero e Teófilo Braga. Instituto de Filosofia Luso-Brasileira. Lisboa, 1996.
- COLARES, Camila e ADEODATO, João Maurício. A obra de Sílvio Romero no desenvolvimento da nação como paradigma: da dicotomia entre o positivismo e a metafísica à adoção do evolucionismo spenceriano na transição republicana. *Revista Prima Facie: João Pessoa*, v. 10, 19, Ano 10, Jul - Dez, p. 36-66, 2011.
- COSTA, João Cruz. O Pensamento Brasileiro sob o Império. In: Hollanda, Sérgio Buarque de (dir.). *O Brasil Monárquico. Vol.3: Reações e transações*. 7.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

CUNHA, Euclides da. Apud: PAREDES, Marçal de Menezes. O repertório teórico de Os Sertões: ensaio sobre o drible euclidiano. In: Bettiol, Maria Regina Barcelos, Hohlfeldt, Antonio (Orgs.). *Euclides da Cunha, intérprete do Brasil: o diário de um povo esquecido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

GUIMARÃES, Aquiles Côrtes. Tobias Barreto e o cientificismo da sua época. In: *O pensamento de Tobias Barreto: Colóquio*. Lisboa, 1991.

HARDMAN, Francisco Foot. Brutalidade antiga: sobre história e ruína em Euclides. *Estudos Avançados*, 10 (26), 1996.

JESUS, Jadson Tavares de. Tobias Barreto: crítica política e social ao Brasil. *Araucaria: Revista Iberoamericana de Filosofia, Política y Humanidades*, ano 15, no 30, 2013.

LEITE, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro*. 3.ed. São Paulo: Pioneira, 1976 ROMERO, Sílvio. *História da Literatura Brasileira*. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

MORAES FILHO, Evaristo de Moraes. *Medo à Utopia: o pensamento social de Tobias Barreto e Sílvio Romero*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

NAXARA, Márcia Regina Capelari. *Cientificismo e sensibilidade romântica: em busca de um sentido explicativo para o Brasil no século XIX*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2004.

NICOLAZZI, Fernando. *O narrador e o viajante: notas sobre a retórica do olhar em Os Sertões*. Revista História da Historiografia, n. 2, 2009.

ORTIZ, Renato., *Cultura brasileira e identidade nacional*. In: Cadernos CERU, nº 17, 1982.

_____. Imagens do Brasil. *Revista Sociedade e Estado* – Volume 28, Número 3, Setembro/Dezembro, 2013.

PAIM, Antonio. *A escola de Recife*. 3.ed. Londrina: UEL, 1997.

PASSOS, Aruanã Antonio dos. Descrever o sentimento, escrever a vida: traços biográficos na escrita poética de Tobias Barreto. In: PASSOS, Aruanã Antonio dos; WITEZE JÚNIOR, Geraldo; RESENDE, Leandro Rocha; SILVA, Deuzair José (orgs.). *Encontros entre História e Literatura*. Anápolis: Ed. da UEG, 2013.

SOUZA, Ricardo Luiz. *Método, raça e identidade nacional em Sílvio Romero*. Revista de História Regional, 9(1): 9-30, 204.

VELOSO, Mariza e MADEIRA, Angélica. *Leituras Brasileiras: itinerários no pensamento social e na literatura*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

VENANCIO FILHO, Alberto. *Das Arcadas ao Bacharelismo: 150 anos de ensino jurídico no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

Recebido em 19/06/20 aceito para publicação em 11/11/20.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional.